

CIDADES GLOBAIS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Aluno: Fernando Malta
Orientadora: Mónica Salomón

Introdução

Foi realizado um estudo sobre o conceito de “Cidades Globais” e sua aplicabilidade através de diferentes definições por área de trabalho, seja Geografia, História, Economia, Ciências Sociais ou Relações Internacionais. Nesse sentido, foram revistos e pesquisados textos célebres que compõem o estudo do tema e críticas aos conceitos apresentados mediante o arcabouço das Relações Internacionais.

Objetivos

A pesquisa tentou verificar a aplicabilidade dos conceitos de “Cidades Globais” mediante o arcabouço das Relações Internacionais sobre o tema, observando pontos que autores de outras áreas desconsideraram. Dessa forma, objetivou-se uma revisão da conceituação das “Cidades Globais” de forma a abarcar novas formas do tema.

Metodologia

Para a realização da pesquisa foram utilizados como fontes artigos de periódicos acadêmicos nacionais e internacionais na área das Ciências Sociais, como um todo, e das Relações Internacionais, especificamente, livros sobre a temática das Cidades Globais, além de um banco de dados sobre notícias de atuação internacional de atores subnacionais brasileiros (especialmente preparado para a rede de pesquisa “Expansão, Renovação e Fragmentação das Agendas e Atores de Política Externa”).

Em um primeiro momento, textos clássicos sobre o tema foram analisados criticamente, como o livro *The World Cities*, de Peter Hall, marco maior de estudo na década de 60. Trabalhos mais recentes foram posteriormente analisados, como o clássico artigo de John Friedmann, *The World City Hypothesis*, marco inicial de autores contemporâneos, como Peter Taylor, Jon Beaverstock ou Sakia Sassen, além da coletânea editada por Neil Brenner e Roger Keil, *The Global City Reader*.

Em um segundo momento, foram analisados autores que se utilizaram da perspectiva das Relações Internacionais para a área de estudo, como Brian Hocking, Mónica Salomón, Tullo Vigevani e Javier Sánchez Cano. Após suas análises, e como ponto final da pesquisa para esse trabalho, as notícias da base de dados supracitada foram analisadas de forma a verificar a contribuição desses autores.

Conclusão

Durante a pesquisa, verificou-se que, ao falar sobre o nascimento, crescimento e transformação das cidades Hall, regatando conceitos de Peter Gaddes, definiu o conceito da “Cidade Global” como uma região economicamente preponderante do Estado-Nação, conectada a outras cidades do mundo de forma “a manifestar os interesses políticos e econômicos do governo nacional” (Hall, 1966). De fato, como afirmam Brenner e Keil, até meados da década 70, “geógrafos urbanos (...) assumiram que o território nacional era a escala primária nas quais hierarquias e sistemas urbanos estavam assentados” (Brenne & Keil, 2005). O crescimento da importância da economia política no mundo (decorrente dos diversos fatos da década de 70, desde as crises econômicas em escala mundial como as novas formas

de pensar o poder e a interdependência) é o principal motivo para a introdução de um viés mais econômico às análises urbanas.

Todavia, a década de 80 e a nova distribuição internacional do trabalho é marcada pela desindustrialização ou desimportância de antigos complexos urbanos e emergência de novas localidades vitais ao funcionamento da economia mundial. É nesse contexto em que teóricos não mais conseguem explicar os fenômenos econômico-político-sociais de regiões locais sem recorrer a uma visão mais global dos acontecimentos. Friedmann e Wolff (1982) argumentam que “Cidades Globais são os centros controladores da economia global e a emergência da Cidade Global está acompanhada da emergência do sistema global de relações econômicas” (Lin, 2008). Friedmann ainda propõe que a questão fundamental das pesquisas sobre Cidades Globais é analisar a organização espacial da nova divisão internacional do trabalho mais que apenas classificá-las ou não por importância. (Friedmann, 1986)

A continuação da pesquisa nesse mesmo sentido mostra que diversos outros teóricos complementam Friedmann mediante sua própria percepção do tema. Beaverstock *et al* afirmam que o sucesso ou não de uma Cidade Global se baseia tão somente em sua virtude de seu lugar nas relações dentro da rede das Cidades Globais, esta mantida tanto por atores públicos (cidades, Estado) como por privados (firmas, setores) (Beaverstock *et al*, 2002). Taylor, por sua vez, persiste no argumento, complementando que essas novas “espacialidades” surgidas entre a interação de Cidades Globais “sugere a emergência de uma nova profunda geografia política” onde as redes de Cidades Globais transcenderiam as lógicas puramente estatais. (Taylor, 2005)

Contudo, ao verificar análises com a perspectiva das Relações Internacionais sobre o tema, verificamos que as caracterizações desconsideram a vontade política, ou seja, a ação do governo dessas regiões inseridas no circuito de Cidades Globais – tomando, de certa forma, como dada tal inserção. Os exemplos e práticas apresentadas por Salomón e Nunes (2007) e Salomón e Sánchez Cano (2005) são bastante representativos nesse aspecto e explicitam como há casos em que a inserção na rede de cidades globais pode ser feita mediante a vontade política.

Referências bibliográficas

- 1 - BEAVERSTOCK, J. V., DOEL, M. A., HUBBARD, P. J., & TAYLOR, P. J. **Attending to the world: competition, cooperation and connectivity in the World City network.** *Global Networks*, 2, 2, 111-132. 2002.
- 2 – BRENNER, N. & KEIL, R. (eds.) **The Global Cities Reader.** Oxford: Routledge. 2005.
- 3 - FRIEDMANN, J., & WOLFF, G. **World City Formation: An Agenda for Research and Action.** In N. Bernner, & R. Keil, *The Global Cities Reader* (pp. 58-66). Oxford: Routledge. 1982.
- 4 - FRIEDMANN, J. The world city hypothesis. **Development and Change.** 17, 69-83. 1986.
- 5 - HALL, P. **The World Cities.** New York: McGraw-Hill. 1966.
- 6 - LIN, P. Y. **Global City Review: Hong Kong as a Global City.** Disponível em Social Science Research Tomorrow: <http://ssrn.com/abstract=1101011>. Acesso em 10 de Março de 2008.
- 7 - SALOMÓN, M. **La Acción Exterior de los Gobiernos Subnacionales y el Análisis de Políticas Exteriores.** Contribución al 1º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI), Brasília. 2007.
- 8 - SALOMÓN, M., & SÁNCHEZ CANO, J. El proceso de articulación de las autoridades locales como actor político y el sistema de Naciones Unidas. **Agenda ONU**, Anuario de la Asociación para las Naciones Unidas en España, 6, 151-192. 2005.
- 9 - SALOMÓN, M., & NUNES, C. **A Ação Externa dos Governos Subnacionais no Brasil: os casos do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre.** Um estudo comparativo de dois tipos de atores mistos. *Contexto Internacional* (29.1), 99-147. 2007.
- 10 - TAYLOR, P. J. New political geographies: Global civil society and global governance through world city networks. **Political Geography** (24), 703-730. 2005.